

# A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

---

**Maria Izabel Machado  
(Organizadora)**

---



# A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2

---

**Maria Izabel Machado  
(Organizadora)**

---



2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
S678	<p>A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-863-2 DOI 10.22533/at.ed.632192312</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Comportamento humano. 3. Desenvolvimento humano. 4 Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Machado, Maria Izabel.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra *A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano 2* nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, razão pela qual os capítulos que seguem estão organizados por afinidade temática e/ou metodológica.

O primeiro eixo nos permite compreender as questões acerca do desenvolvimento humano desde a perspectiva da infância. Seja em espaços urbanos ou rurais, no campo ou na cidade, as crianças ganham centralidade nas análises desde seus saberes, redes, brincadeiras e subversões.

Das fricções entre o urbano e o rural que também colocam em tensão saberes técnicos e locais somos convidados a pensar abordagens sociológicas para os desastres ambientais que deem conta da complexidade em que se imbricam interesses econômicos, defesa do meio ambiente e a vida das populações atingidas pelos desastres.

O terceiro e último bloco de capítulos oportuniza tanto o acesso a temas atuais da sociologia como as migrações e os choques culturais decorrentes desses processos, quanto um apanhado metodológico que envolve diversos caminhos e técnicas de pesquisa, sejam elas centradas nos sujeitos ou nas estruturas e processos sociais de acumulação de poder e capital.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO URBANO E DO RURAL	
Gerson Luiz Buczenko	
Maria Arlete Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6321923121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
TRANSPORTE ESCOLAR E INFÂNCIA DO CAMPO: AS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS DE UMA ESCOLA NO RIO UAICURAPÁ/ PARINTINS - AMAZONAS	
Kilsimara Nascimento Ribeiro	
Gyane Karol Santana Leal	
Rosaria Jordão Dutra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6321923122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
SUBVERSÕES DO BRINCAR: DISPOSITIVOS NA INFÂNCIA FRENTE AS NORMATIZAÇÕES INSTITUCIONAIS	
Giovana Glaucia Fernandes	
Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta	
Rafael Delaguardia Felix	
Ricardo Lopes Correia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6321923123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
EPISTEMOLOGIAS DO SUL: INFÂNCIAS E CANDOMBLÉ NA CIDADE DE SÃO PAULO EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA ARTEIRA	
Ellen Gonzaga Lima Souza	
Gabriela Tebet	
Antônio Paulino de Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6321923124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
O BAIRRO A PARTIR DE UM PASSEIO DE ÔNIBUS: EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS E SOBRE A INFÂNCIA NO ESPAÇO URBANO	
Zuleica Pretto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6321923125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
O LUGAR SOCIAL DA CRIANÇA RIBEIRINHA DA AMAZÔNIA MARAJOARA	
Simeir Santos Andrade	
Magali dos Reis	
Laura Maria Silva Araújo Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6321923126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E SABER LOCAL NA GESTÃO DO DESASTRE DA REGIÃO SERRANA (RJ): UM ESTUDO DE CASO	
Maria Suellen Timoteo Correa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6321923127</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>79</b>
REPARAÇÃO DE DANOS NO DESASTRE DO RIO DOCE, PARTICIPAÇÃO E ATORES SOCIAIS	
Aloisio Ruscheinsky Manoella Treis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6321923128</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
A CENTRALIDADE DAS RELAÇÕES NO COTIDIANO DE UMA INSTITUIÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Alessa Cristina Pereira de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6321923129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>105</b>
MIGRAÇÕES INTERNAS E A EMERGÊNCIA DE DISPUTAS SIMBÓLICAS NO RIO GRANDE DO SUL	
Pedro Francisco Marchioro Talita Cristine Rugeri Lorena del Pilar Pereda Cordova	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63219231210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>118</b>
ANÁLISE DE QUESTÕES DE SOCIOLOGIA DO ENEM (2015): REFLEXÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E POLÍTICAS	
Ozaias Antônio Batista Maria Genilda Marques Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63219231211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>134</b>
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES): PROSOPOGRAFIA E CONEXÕES POLÍTICO-FAMILIARES	
Mônica Helena Harrich Silva Goulart Ricardo Costa de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63219231212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>152</b>
PALMYRA WANDERLEY NA REVISTA VIA-LÁCTEA DE 1914-1915: ESCRITA E POESIA NA EDUCAÇÃO DA MULHER POTIGUAR	
Maria Joseane Chaves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63219231213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>164</b>
A CULTURA CONSERVADORA DE GUARAPUAVA, FRENTE AO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E TECNOLÓGICO	
Marco Aurélio Silva Antonio Costa Gomes Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63219231214</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>175</b>
A SOCIEDADE DE MERCADO NO SÉCULO XXI E SEUS DESAFIOS: TRABALHO, PRODUTIVIDADE E DESEMPREGO	
<a href="#">Nelton Moreira Souza</a> <a href="#">Eliete Barbosa de Brito Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63219231215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>189</b>
AS MULHERES NAS PRISÕES BRASILEIRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	
<a href="#">Ivaneide Nunes Paulino Grizente</a> <a href="#">Regina Maria Macedo Costa Dantas</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63219231216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>196</b>
AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISES DO CAMPO CIENTÍFICO E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	
<a href="#">Renato Ribeiro Daltro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63219231217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>201</b>
PRÁTICAS SOCIOINFORMACIONAIS EM AMBIENTES DIGITAIS E A CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS CRÍTICAS EM INFORMAÇÃO	
<a href="#">Edvaldo Carvalho Alves</a> <a href="#">Fellipe Sá Brasileiro</a> <a href="#">Daniella Alves de Melo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63219231218</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>218</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>219</b>

## TRANSPORTE ESCOLAR E INFÂNCIA DO CAMPO: AS VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS RIBEIRINHAS DE UMA ESCOLA NO RIO UAICURAPÁ/ PARINTINS - AMAZONAS

Data de aceite: 22/11/2019

**Kilsimara Nascimento Ribeiro**

Universidade do Estado do Amazonas-UEA  
Parintins- Amazonas

**Gyane Karol Santana Leal**

Universidade do Estado do Amazonas-UEA  
Parintins- Amazonas

**Rosaria Jordão Dutra**

Universidade do Estado do Amazonas-UEA  
Manaus- Amazonas

**RESUMO:** Este trabalho objetiva descrever as vivências das crianças ribeirinhas em relação ao transporte escolar, especificamente as crianças da Comunidade São Pedro do Marajó em Parintins/Amazonas. Para isso, nos fundamentamos o estudo em: Fraxe (2007); Carvalho (2010); Maia-Pinto (2011) entre outros. Essa pesquisa, de cunho qualitativo, teve como sujeitos nove crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (na faixa etária de 06 a 11 anos), um condutor do transporte escolar e três pais dos referidos alunos. Os resultados destacaram as vivências das crianças por meio de suas falas, expressões, brincadeiras e do convívio com os seus pares dentro do transporte escolar. Concluimos que a criança, enquanto usuária do transporte escolar, necessita desse meio de transporte para chegar à escola conforme o

previsto na legislação vigente, a qual garante seus direitos básicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transporte escolar. Infâncias do campo. Vivências. Crianças ribeirinhas.

**ABSTRACT:** This paper aims to describe the experiences of riverine children in regards to school transportation, specifically the children from the São Pedro do Marajó Community in Parintins / Amazonas. For this, we based our study on the works of Fraxe (2007), Carvalho (2010), Maia-Pinto (2011), among others. This is a qualitative study in which the subjects were nine children from the 1<sup>st</sup> to the 5<sup>th</sup> grade of elementary school (in the age group from 6 to 11 years old), a driver of the school transport and three parents of the aforementioned students. The results highlighted the children's experiences through their conversations, expressions, games and socializing with their peers within the school transport. We concluded that the child, as a user of school transportation, needed this means of transport to get to school as provided in current legislation guaranteeing their basic rights.

**KEYWORDS:** School bus. Childhood in the countryside. Experiences. Riverine children.

## 1 | INTRODUÇÃO

O homem que mora no interior da Amazônia é conhecido como ribeirinho pelo fato de residir próximo aos rios. A sua vivência é bastante eclética, sobrevive da agricultura, da pesca, do artesanato e entre outras atividades de subsistência.

Na visão de Fraxe (2007), o termo “ribeirinho” refere-se àquele que anda pelos rios. O rio constitui a base de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de alimento e via de transporte, devido às terras mais férteis de suas margens, ideal para o plantio.

Na região amazônica, as estradas são hidrovias, por isso os meios de transportes fluviais são os mais utilizados pelas populações ribeirinhas. A embarcação de madeira, popularmente conhecida como barco a motor, constitui-se um meio de condução indispensável para que as pessoas que moram nessas localidades possam fazer essa transição de percurso, incluindo o transporte escolar.

A criança ribeirinha encara algumas dificuldades para chegar à escola, como a distância a ser percorrida diariamente e a influência da sazonalidade da seca e enchente que comanda a vida ribeirinha. Assim, o transporte escolar aquaviário constitui-se uma necessidade na região amazônica especialmente nas escolas rurais.

## 2 | TRANSPORTE ESCOLAR E AS CRIANÇAS DA AMAZÔNIA

Os ribeirinhos precisam do barco para se locomover pelos rios e lagos. O barco não é somente um meio de transporte para levá-los e trazê-los de um lugar para outro, servindo-os para transportar bagagens ou seus produtos agrícolas, mas também se constitui como um elemento essencial para que as crianças cheguem até o seu ambiente escolar.

O transporte escolar se faz necessário para a inclusão da criança ao mundo letrado. Na escola, existe a oportunidade de adquirir conhecimentos que serão imprescindíveis para sua vida na sociedade. Na visão de Maia-Pinto (2011, p. 147):

O barco tem um grande significado para a população ribeirinha. Com ele é possível frequentar a escola, ir ao médico, ao mercado, à reunião da escola, à igreja entre outras atividades cotidianas. Ele é como o carro, o caminhão, o ônibus, a moto ou a bicicleta nas áreas urbanas. É, portanto, o grande veículo de comunicação dos ribeirinhos com outras comunidades ou com as cidades.

O transporte escolar gratuito fornecido pelo poder público representa a única forma que o aluno carente dispõe para chegar à escola. O Governo Federal, em seu Programa Caminho da Escola, diz que a criação e implementação do programa ajudará a garantir a segurança e a qualidade do ensino e aprendizagem das crianças em seu próprio contexto.

Em contraste com a realidade de outras regiões brasileira, na região Amazônica se torna inviável alguns tipos de transporte escolares como carros, ônibus e até mesmo a bicicleta. Como as estradas são as hidrovias, para facilitar e encurtar o tempo nos trajetos, foi implantando as lanchas escolares, mas que não atendem todas as localidades.

Para atender as inúmeras comunidades existentes na região de Parintins, faz-se necessária a contratação de serviços de barcos particulares por meio de recursos financeiros provenientes do Governo Federal.

A população rural tem mais dificuldades no acesso às unidades de ensino, em geral, devido às grandes distâncias a serem percorridas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96 em seu artigo 4º, no § VIII preconiza que todo educando matriculado no Ensino Fundamental público tem direito ao atendimento aos programas de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Os direitos assegurados em Lei deveriam proporcionar melhores condições de transporte para conduzir as crianças. Maia-Pinto (2011) descreve em sua pesquisa que, na maioria das rotas escolares, o transporte escolar é realizado sempre de maneira precária, com embarcações em mau estado de conservação e sem segurança.

Um fator influenciável na condução de alunos é a vazante (seca) e a enchente (cheia). Segundo Maia-Pinto (2011) as vazantes e as secas prejudicam o transporte fluvial em vários trechos, isolando a populações que dependem desse recurso natural para se deslocar. Enquanto na vazante o percurso da caminhada está maior a grandes enseadas de praias, as cabeceiras de rios ficam secas por causa desses fenômenos, com isso, a criança ribeirinha que precisa ir para aula de manhã ou tarde precisa pegar a embarcação que faz o transporte escolar mais cedo.

Com relação à segurança dos estudantes, Maia-Pinto (2011) diz que as causas de acidentes são a imprudência de alunos e/ou de condutores, ausência de equipamentos de segurança, embarcações inadequadas, fatores climáticos, como temporais e ventos que provocam grandes banzeiros.

Enfim, as crianças ribeirinhas têm o direito ao transporte escolar para que possam frequentar a escola conforme a legislação vigente, e o poder público precisa disponibilizar um serviço digno para a criança dessas populações tradicionais.

### **3 | PERCURSO METODOLÓGICO**

Este estudo pauta-se em uma abordagem qualitativa, na qual existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. A pesquisa qualitativa se fundamenta

pela descrição que tenta focalizar o seu objeto. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Os participantes da pesquisa foram nove crianças com idade de 06 a 12 anos, um condutor do transporte escolar e três pais de alunos, que participavam incisivamente do processo. Os pais ou responsáveis legais das crianças participantes na pesquisa nos concederam esta autorização.

As crianças escolheram seus nomes fictícios relacionados aos animais da fauna amazônica, assim como os demais envolvidos na investigação. Para a coleta de dados, realizamos a observação dos espaços, das vivências e brincadeiras das crianças no trajeto do transporte escolar. Realizamos rodas de conversa com as crianças (gravador de voz e registro fotográfico). Todas as observações e impressões foram anotadas no caderno de campo.

Assim, fizemos viagens acompanhando o trajeto das crianças casa-escola-casa. Os dados foram descritos e analisados a partir do ponto de vista dos participantes e em diálogo como autores que discutem a temática.

## **4 | AS VIVÊNCIAS DAS INFÂNCIAS DO CAMPO DENTRO DO TRANSPORTE ESCOLAR**

Para embarcamos nessa viagem, foi necessária a autorização dos órgãos competentes. Para isso, solicitamos à Secretaria Municipal de Educação de Parintins – SEMED, que permitiu a realização da pesquisa junto à escola. Com posse da documentação, tivemos o primeiro contato com a gestão da escola, que nos apresentou ao condutor do B/M “Marcelo Neto”, este também autorizou o nosso acesso ao transporte escolar.

O condutor da embarcação denominado pelas crianças de Tucuxi (44 anos) nos apresentou seu barco que tinha 13 metros comprimento e 03 metros de largura, o casco era construído com a madeira de Itaúba (Tipo de vegetação comum na região amazônica. Nome científico *Mezilaurus itauba*, sua característica é de alta durabilidade, fácil manuseio), sendo ele todo calafetado com algodão ou estopa e com massa de *crer* com óleo de linhaça. A embarcação tinha tolda de madeira revestido de zinco, cercado de caiçara (cercado de madeira), possuía um banheiro, uma cozinha pequena e uma sala de máquina.

O barco tinha a capacidade liberada pelas autoridades marítimas para 20 pessoas, havia coletes salva-vidas e boias, um extintor de incêndio para garantir a segurança dos usuários. Durante a vigência da pesquisa, percebemos que o barco não possuía sala de comando, o que permitia uma visão ampla das crianças. Ao entrarmos na embarcação, precisaríamos conhecer a rota do transporte, para isso,

foram necessárias várias idas e vindas à comunidade.

#### 4.1 Marinheira de primeira viagem

Para melhor compreendermos as vivências das crianças, acompanhamos suas rotinas dentro do transporte escolar. Pernoitamos no primeiro porto, onde moravam 03 crianças. Despertamos às 04h (quatro horas) da manhã para iniciar a viagem. O barco/motor já começava a funcionar às 04h45min. O condutor já estava esperando, as crianças corriam para a beirada e entravam no barco. O comandante dava a marchar ré e assim começava a rota cotidiana das crianças, chegamos ao segundo porto e a cabeceira ainda escura.

Ao adentrarmos o espaço do barco, percebemos que as crianças já estavam acostumadas a acordar de madrugada para ir à escola e demonstravam o entusiasmo para o começo de um novo dia. Martins (2010) argumenta que viajar é ter oportunidade de convívio, experimentar a liberdade que a autonomia de movimentos sugere, sentimentos possivelmente marcados pelas experiências felizes da infância, fase da vida em que o medo dos perigos ainda não está tão aflorado na consciência.

No decorrer do trajeto, as crianças conseguiam conversar, brincar, estudar e realizar muitas atividades interessantes. Delgado e Muller (2005) comentam que as crianças têm a capacidade de criar atividades baseadas no ato de brincar, na imaginação e na interpretação da realidade, constituindo uma característica própria dos grupos infantis.

Percebemos que as crianças conseguiam construir uma relação de amizade com os seus colegas e de respeito, mesmo sendo parentes ou não. Elas conheciam os limites que eram lhes impostos e sabiam dos perigos recorrentes dentro da embarcação, essas recomendações eram sempre dadas pelo condutor.

O condutor Tucuxi (44 anos) era o único responsável pelas crianças durante o trajeto, sobre isso ele nos confidenciou: *“o normal era ter uma pessoa (monitor) que me ajudasse a cuidar dessas crianças, pois tem horas que não tem como eu deixar o comando do barco, para ir ver o que está acontecendo, então eu peço para um dos mais velhos olhar as crianças pequenas para mim”* (DIÁRIO DE CAMPO, 2016).

Era notória a preocupação do condutor com as crianças. Maia-Pinto (2011, p. 140) alega que para o barqueiro a “maior problemática é a falta de uma pessoa que os ajude”. Então se faz necessária a presença de auxiliar que o ajude a atracar e desatracar o barco e principalmente cuidar das crianças.

No percurso, as crianças realizam as atividades solicitadas pela professora em sala de aula. Com posse do livro didático, uns começavam a fazer uma releitura dos textos estudados anteriormente, outros fazendo cálculos matemáticos. As vivências das crianças ribeirinhas eram bem diversificadas no trajeto.

Todos os dias na volta para casa, as crianças entravam no barco correndo para ajudar o condutor a desamarrar o barco, isso facilitava o trabalho do condutor. O horário da saída era sempre às 11h15, até que todos os alunos chegassem era 11h30, então ajudavam para que o barco saísse rápido, pois muitos já estavam com fome.

Dentro do barco, ocorriam vários diálogos e algumas desavenças que segundo o condutor Tucuxi (44 anos): “às vezes eles *estão bem, mas têm dias que eles ficam muitos danados*” (DIÁRIO DE CAMPO, 2016). Essas mudanças de comportamento tornar-se comum, pois as crianças conseguem esboçar os seus sentimentos facilmente, diferentemente do adulto, elas vivem diariamente dentro de um barco onde o espaço é resumido.

No retornar para suas casas, as crianças inventavam vários tipos de brincadeiras que tornam o seu entretenimento durante a viagem. Como pontua Müller (2006), esse momento lúdico é momento de alegria que define para as crianças desses lugares a infância como um intervalo no dia e não como um período peculiar da vida, de fantasia, jogo e brinquedo, de amadurecimento, mas momentos que interior do barco as crianças brincavam uma brincadeira espontânea.

Percebemos que as brincadeiras eram espontâneas, mas faltava espaço dentro da embarcação. A ludicidade esboça os seus sentimentos que constroem novos conhecimentos e se especulam dentro das brincadeiras. Mesmos com os espaços reduzidos dentro, a criança leva em consideração o que está ao seu redor como o rio e a natureza. Como enfatiza Carvalho (2010, p. 34) “a criança no seu ato de brincar se relaciona com o real e imaginariamente com o rio e a floresta, elementos permanentes na sua vida e que são fundamentais para a sua ludicidade”.

Assim, dentro da brincadeira a interação entre os mesmos é dinâmica como o seu comportamento e seus dizeres. Para a criança, a construção de valores é espontânea em suas vidas, a relação de respeito e amizade entre os mesmos e principalmente a convivência com a diferença. Percebemos que a heterogeneidade cultural no interior do barco é diversificada, tendo em vista a construção de valores.

#### **4.2 A segunda viagem: época de estiagem**

Na realidade amazônica, dois fenômenos naturais influenciam na vida ribeirinha e refletem também na vida cotidiana dos alunos envolvidos no transporte escolar: a enchente e a estiagem.

A enchente possibilita a facilidade de locomoção entre os ribeirinhos e sua finalidade de chegada e saída entre os seus trajetos. Mas também resultada na escassez de alimento, pois os rios em sua dimensão estrutural estão bem cheios e os peixes encontram mais possibilidades de se esconder entre os igapós.

A estiagem é caracterizada por um nível menor das águas, com mínimas mensais de precipitação e máximas de insola e de evapotranspiração. A infância ribeirinha enfrenta os desafios das secas, com as árduas realidades cotidianas como os difíceis acessos para frequentar a escola. Nesse período, elas precisam acordar mais cedo, pois o barco não consegue ter acesso ao porto de muitas residências. Com isso, o aluno tem que caminhar longas distâncias para chegar ao determinado ponto onde o transporte consegue ter acesso.

A percepção da criança com o seu meio parece ser (in)significante, pois a rotina já está impregnada em seu cotidiano, em suas vivências, para elas é normal acordar cedo, tomar café e ir para a escola no transporte escolar.

As crianças expressam a sua rotina e falam acerca de sua percepção do rio e da natureza a partir de sua observação de dentro do barco, onde elas passam maior parte do tempo do caminho para a escola. Essas vivências são externalidades em seus desenhos.

Entre o grafismo e a oralidade, a criança consegue entender que ela faz parte do contexto social. Expressando através do imaginário, a criança consegue produzir a sua própria cultura, que segundo Sarmiento (2003), o imaginário infantil é um fator de conhecimento e não uma incapacidade, uma marca de maturidade. A imagem a seguir retrata a percepção de uma das crianças acerca de sua vivência no transporte escolar.



Figura 1: Desenho que representa a rotina das crianças a caminho da escola

Fonte: Canarinho, 10 anos, 2016

Eu gosto de ir para escola, e gosto de ir também olhar o rio, sempre vejo o boto, miuá e um dia desse a gente viu “purrudo” do tucunaré quando a gente ia deixar a “Pombo” (criança participante da pesquisa) (CANARINHO, 10 anos).

Percebemos que a criança tem um papel ativo dentro de seu contexto social e que se revela através de suas falas e expressão gráfica. Concordamos com Dutra (2013, p. 95) quando diz que o “desenho revela que os elementos simbólicos presentes na cultura amazônica contribuem para a formação do imaginário das crianças ribeirinhas”.

O desenho acima retratou a realidade cultural das crianças e mostra que elas possuem conhecimento empírico a partir de sua observação. Esses conhecimentos são adquiridos pelas suas vivências na família e na comunidade. Por exemplo, sabem como pegar o peixe sem que o boto rasgue a sua malhadeira, pois são coisas rotineiras que não são ensinadas dentro da sala de aula, mas na vida comunitária. Para Carvalho (2010, p. 36).

As crianças ribeirinhas por vivenciarem uma relação direta com o rio e a floresta adquirem saberes herdados de seus avós, pais e pessoas próximas, resultando naquilo que se chamam de educação informal, e que consiste no conhecimento adquirido no dia a dia do indivíduo sem a necessidade de um ambiente especial, para que ocorra a aprendizagem.

Essas vivências e aprendizagens são significativas para as crianças ribeirinhas e, na maioria das vezes, são vistas como simples brincadeiras, mas são reveladoras de sua identidade cultural.

#### **4.3 A terceira viagem: a falta do transporte escolar**

Sendo o barco o único meio de acesso de crianças, jovens e adultos à escola, este se torna indispensável. Segundo Maia-Pinto (2011, p. 128), o transporte escolar, seja qual for a sua modalidade, tem a função de levar os alunos de suas casas – ou ponto previamente acordado – até a escola com segurança e conforto e no menor tempo possível.

Mas para que isso ocorra, os pais também são responsáveis para que o trabalho do transporte escolar tenha êxito em sua função. Existe parceria entre escola, pais e transporte escolar, pois, caso contrário isso tudo deixa de funcionar. Os familiares sentem-se mais seguros quando seus filhos estão na companhia de alguém conhecido e muitas vezes transferem para os condutores funções de cuidado e zelo durante a viagem.

Na terceira viagem, presenciamos a falta de transporte escolar e os impactos da vida escolar das crianças e dos comunitários. O sentimento de indignação era notório a respeito dessa ausência, como relata um dos pais de aluno: “*Eu acho uma*

*falta de respeito com as crianças principalmente, porque já tem mais de 15 dias que já era para ter iniciado o ano letivo dele, mas por falta do transporte não tem como eles irem, por causa da distância” (DIÁRIO DE CAMPO, 2016).*

A falta do transporte escolar prejudica o calendário escolar. Por conta disso, há um atraso nos estudos das crianças e há conseqüentemente a necessidade de reposição das aulas. A distância entre a casa e a escola era grande e acarretava em um dos fatores que impossibilitam a chegada à escola. A maioria das famílias era carente e não tinha condições de custear as despesas para garantir a condução de seus filhos.

O poder público municipal deveria cumprir com sua responsabilidade concernente à garantia desse serviço. Sobre isso Tenório, Barros e Hage (2010, p. 7-8) argumentam que:

No que concerne à responsabilidade do Transporte Escolar, a modificação nos Artigos 10 e 11, desse mesmo Título da LDB, pela Lei Federal nº 10.709 de 31 de Julho de 2003, deixa clara a responsabilidade dos Estados e dos Municípios de transportar os alunos matriculados em suas próprias redes de ensino respectivamente (Art. 1º e 2º); e mais, o Art. 3º dessa última Lei, possibilita aos Estados articular-se com os respectivos municípios, para que em determinadas circunstâncias de racionalidade e de economicidade, os veículos pertencentes ou contratados pelos Municípios também transportem alunos da rede estadual e vice-versa. (Afirmação ratificada pelo Art. 8º, § 3º da Resolução do CNE nº 2, de 2008).

Acerca das políticas públicas do município relacionadas ao transporte escolar, outro pai de aluno declarou: *“Nós temos que esperar pelos nossos governantes, que pelo jeito não estão se interessando pelas nossas crianças, pois na cidade é mais fácil a criança vai a pé para a escola, quando não, pega carona e nós aqui como devemos fazer para levar os nossos filhos para a escola” (DIÁRIO DE CAMPO, 2016).*

Esse questionamento nos levar a pensar o quanto é frágil a educação em nosso país, ferindo as legislações brasileiras que asseguram o direito à educação e explicitam a responsabilidade da União, do Estado e dos Municípios em oferecerem uma educação de qualidade e gratuita. Isso deveria incluir a educação do campo.

Como podemos pensar em uma educação de qualidade para a educação ribeirinha se não são ofertados recursos necessários para a garantia desses direitos? Deste modo, entendemos que a educação ribeirinha é desafiadora e a falta do transporte escolar constitui-se um desses desafios.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho constitui-se de grande relevância, pois contribuiu com os estudos acerca da infância na Amazônia, uma vez que existem poucas pesquisas sobre as

vivências das crianças dentro do transporte escolar.

Na realidade amazônica, as hidrovias são as estradas e os caminhos do homem amazônico. Seus movimentos de enfrentar os banzeiros dos rios. Acompanhamos a árdua rotina dos estudantes, mas, nem por isso, demonstram desinteresse em ir para a escola.

Entendemos que o transporte escolar faz parte do cotidiano ribeirinho e que dentro dele promove-se um círculo de amizade das crianças e seus pares, não excluindo o condutor. Dentro desse barco existe a promoção da troca de conhecimento entre as crianças e que, assim, proporciona novas experiências de uma aprendizagem significativa e prazerosa para os mesmos.

A falta do transporte escolar para as localidades rurais, ocasionada pelo descumprimento da legislação por parte dos governantes, feriu os direitos constitucionais da criança em frequentar a escola, em consequência disso houve o atraso no calendário escolar.

Esperamos que este trabalho traga contribuições acerca das realidades infantis vivenciadas dentro do transporte escolar, que desperte o interesse de outros pesquisadores em investigar a situação do transporte escolar de outras comunidades. Acreditamos que o transporte é um instrumento que garante o direito a educação das crianças que vivem nos espaços ribeirinhos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília/DF: MEC/CEB, 1996.

CARVALHO, N. C. Saberes do cotidiano da criança ribeirinha. **Revista Cocar**, v. 4, n. 8, 2010.

DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. Em busca de Metodologias Investigativas com Crianças e suas Culturas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p.161-179, mai./ago, 2005.

DUTRA, M. A. **Entre Grafismos e Oralidades**: Uma Interpretação Do Imaginário da Criança Ribeirinha Amazônica. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus: UFAM/ICHL, 2013.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.

MAIA-PINTO, R. R. (Orgs). **Transporte Escolar Rural Aquaviário na Amazônia**: desafios e perspectivas. Palmas - TO: Núcleo de Estudos Contemporâneos da Universidade Federal do Tocantins, 2011.

MARTINS, A. P. A. ; QUEIROZ, L.; IASBECK, L. C. A. SILVEIRA, L. S. C. BOGOSSIAN M. P. **Avaliação Do Transporte Escolar Rural Aquaviário na Região Amazônica**. Tera, 2010.

MÜLLER, F. Infâncias nas vozes das crianças: Culturas infantis, trabalho e resistência. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago, 2006.

SARMENTO, M. Imaginário e Culturas da Infância. **Cadernos de Educação**, FaE/UFPel, Pelotas, v. 21, n. 51-69, jul/dez., 2003

TENÓRIO, E. M.; BARROS, O. F. e HAGE, S. M. **Políticas de Nucleação e Transporte Escolar:** construindo indicadores de qualidade da educação básica nas escolas do campo da Amazônia. Relatório final de Pesquisa, Belém, 2010. (Mimeo).

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Maria Izabel Machado** - Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e Trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia. Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e também com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas. Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio. Atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), participando como pesquisadora do grupo Mutamba (UFG) e do Núcleo de Estudos de Gênero (UFPR). Nesta instituição ainda desenvolve projeto de extensão interdisciplinar a partir da imbricação educação, sociedade e cultura. Contato: mariaizabelmachado@ufg.br

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adolescentes 24, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 183

Associativismo 67, 87, 90

### B

Biografias 137, 149, 150

Brincar 16, 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 60, 65

### C

Candomblé 34, 37, 38, 39, 40, 41

Ciência e tecnologia 122, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 142, 145, 147, 148, 150, 216

Conservadorismo 163, 173

Crianças ribeirinhas 12, 14, 16, 19, 56, 58, 59, 60, 61, 63

Cultura 2, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 49, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 80, 94, 108, 111, 115, 124, 132, 157, 161, 162, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 173, 197, 200, 217, 218

### D

Desastres ambientais 79, 80

Desemprego 175, 176, 177, 180, 185, 186, 191

Desenvolvimento 11, 23, 24, 32, 44, 56, 63, 64, 70, 78, 88, 90, 110, 113, 119, 121, 126, 128, 134, 135, 136, 137, 140, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 187, 193, 200, 204, 205, 213, 214, 215

### E

Enem 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133

Ensino de sociologia 118, 125, 132

Escrita 41, 56, 60, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 208

Espaço urbano 43, 44, 45

Estigma 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 169, 209

### F

Familismo 166

### G

Gênero 30, 38, 43, 106, 112, 113, 131, 133, 138, 152, 163, 185, 189, 194, 201, 202, 203, 205, 208, 215, 217, 218

Gestão de desastres 67, 76

### H

Habitus 94, 95, 102, 200, 204

## I

Infância 12, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 41, 42, 43, 44, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 154, 199

## M

Migrações 105

Mineradoras 80, 88

## P

Poder público 13, 14, 20, 67, 70, 71, 75, 82, 90

Poesia 59, 152, 153, 162

Políticas públicas 11, 20, 63, 67, 79, 80, 90, 132, 133, 134, 135, 194

Precarização 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187

Privação de liberdade 92, 93, 94, 97, 102, 103

Prosopografia 134, 135, 137, 149

## R

Racismo 34, 35, 36, 107, 113, 207, 208

Representações 1, 2, 3, 5, 10, 11, 25, 26, 29, 61, 125, 191

Ribeirinhos 13, 17, 21, 80, 89

Rural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 21, 139, 143, 166, 170

## S

Saber local 67, 73, 75, 78, 91

Segregação 36, 218

Subversão 23, 28, 31

## T

Terapia ocupacional 23, 24, 26, 31, 32, 33

Trabalho 1, 4, 10, 11, 12, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 43, 44, 48, 54, 63, 67, 79, 81, 92, 93, 94, 102, 105, 107, 110, 114, 115, 120, 126, 130, 136, 153, 158, 159, 164, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 196, 200, 201, 212, 213, 214, 218

Transporte escolar 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Transporte público 43, 52, 53

## U

Urbano 1, 2, 4, 5, 7, 10, 11, 43, 44, 45, 52, 70, 78, 170, 171, 179

## V

Vulnerabilidade social 23, 25, 31

